



Antonio Tabucchi na varanda da sua casa, ao Príncipe Real, no coração de Lisboa, um reduto de memórias familiares e literárias

PROGRAMA

LEITURAS I

► 15.00

Teresa Patrício Gouveia;
Rita Taborda Duarte;
José Guardado Moreira;
José Blanco;
António Mega Ferreira.

Cada um destes convidados lerá um excerto de uma obra de Antonio Tabucchi. O presidente do CCB lê o conto "Carta de Casablanca".

LEITURAS II

► 16.30

O actor Pedro Lmares lê, na íntegra, o romance *Nocturno Indiano*, de 1984. Texto que, na opinião de Mega Ferreira, "é a obra-prima" de Tabucchi. "Uma pequena perfeição sobre a busca de alguém."

FILME

► 17.15 É exibida a obra *O Fio do Horizonte*, que Fernando Lopes realizou a partir do romance homónimo de 1986, em que os acasos e as coincidências assumem proporções metafísicas e criam narrativas misteriosas.

A voz dos "heróis do inútil"

Homenagem. O Centro Cultural de Belém, em Lisboa, revisita hoje a obra do escritor italiano Antonio Tabucchi

JOANA EMÍDIO MARQUES

"Cheguei a Portugal em 1964 por causa da poesia e da literatura, mas o que me fez cá ficar foram as pessoas. Foram homens como o Alexandre O'Neill, o Cardoso Pires, o Cesariny que, nessa altura, viviam vidas verdadeiramente heróicas. Não tinham dinheiro. Eram açoitados pela polícia e ostracizados pela sociedade. E mesmo assim criavam e pensavam para além da sua atmosfera e da circunstância", lembra Antonio Tabucchi, em entrevista ao DN.

Aquele que é considerado, por António Mega Ferreira, "o mais português dos escritores italianos" vai hoje ser alvo de uma homenagem no Centro Cultural de Belém, em Lisboa. "A dimensão europeia da obra de Tabucchi e, ao mesmo tempo, a forma como ele alimenta a sua ficção de temáticas portuguesas ou a forma magistral como se move nas fronteiras do real e do sonho tornam-no num autor ao qual temos sempre de regressar", defende o escritor e presidente do CCB.

O "Dia Antonio Tabucchi", para além das habituais leituras de excertos de obras do autor, feitas por convidados e actores, e da exibição do filme *O Fio do Horizonte* (de Fernando Lopes), contará com um debate no qual estará presente o próprio Tabucchi. "Acho que não resistirei a convidá-lo para ler alguma coisa", admite Mega Ferreira, que assume a influência que o escritor italiano exerceu na fase inicial da sua obra. "Conheci o Tabucchi com o livro *O Jogo do Reverso*. Fiquei deslumbrado. Sinto que ele determinou o meu gosto pela referência ao pormenor e por uma certa indefinição que se desvia em direcção à poesia." Em Lisboa, a casa que Tabucchi partilha com a mulher, Maria José de Lancastre, é um reduto acolhedor, que testemunha uma

vida dedicada à tarefa de ouvir e de contar histórias. À presença do escritor, da mulher e da neta, Beatriz, juntam-se outras presenças, menos corpóreas mas que se apresentam igualmente importantes. Entre elas a ensaísta americana Susan Sontag, o poeta Mário Cesariny, ou o romancista José Car-

dos Pires, galante e sorridente numa fotografia colocada em lugar de destaque. "São as vozes que me fazem escrever. As vozes de fora, da rua, as conversas entre pessoas no autocarro que se suspendem quando elas saem e me obrigam a inventar-lhes uma continuação. Mas também as vozes de dentro. À medida que fui envelhecendo e perdendo familiares e amigos percebi que evoco melhor a sua voz que a sua imagem...", conta.

Autor multipremiado de contos, ensaios e romances, como *Afirma Pereira*, *A Mulher de Porto Pin*, *A Cabeça Perdida de Damas-*

ceno Monteiro ou *Nocturno Indiano*, Tabucchi é o principal responsável pela divulgação da obra de Fernando Pessoa em terras italianas. "Devemos-lhe um olhar novo sobre a obra pessoana. Os seus ensaios são iluminadores, abrem portas para compreender Pessoa. Vêm coisas que os estudiosos portugueses não conseguiram ver", afirma Mega Ferreira.

Criador de heróis desconhecidos, "heróis do inútil", que jamais ficariam imortalizados em estátuas, Tabucchi diz que lhe interessa "escrever para testemunhar". Um "gesto quotidiano", como "a luta do homem comum para fazer

o que é certo". Diz ainda que é preciso ter cuidado com esta necessidade de heróis entendidos como homens providenciais. "Estes tendem a tornar-se ditadores", afirma, antes de lembrar que a actual situação da Europa pode fazer crescer, nos cidadãos, a ideia de que "precisam de alguém assim".

Para além da obra ficcional, Tabucchi escreve regularmente em jornais italianos e europeus, onde nunca temeu exprimir as suas opiniões, muitas vezes polémicas.

Polémica foi também a razão que o levou, este ano, a recusar o convite para participar na Festa Literária Internacional de Paraty, no Brasil. A razão prendeu-se com o facto de este país se recusar a extraditar Cesare Battisti (escritor de romances policiais), condenado por vários assassinios cometidos durante os chamados "Anos de Chumbo" em Itália. "O que é que eles queriam? Colocar-nos aos dois a debater literatura? Se a Flip quer ter assassinos, então convidem só o Battisti", diz preemptório.

Enquanto aproveita o ensolarado Outono português, Antonio Tabucchi aguarda a publicação, em Março de 2012, do novo livro: *O Tempo Envelhece depressa*. Sete histórias verídicas de pessoas comuns, "heróis do inútil".

ITÁLIA

"Evito misturar-me com o poder italiano"

► "Este Verão recebi dois prémios literários em Itália. Não fui lá receber nenhum. Isto não é arrogância. Mas ali é preciso ter cuidado e evito misturar-me com o poder italiano", conta Tabucchi, cujas relações tensas com o Governo de Silvio Berlusconi são conhecidas. "É terrível o mal que estes 17 anos de berlusconismo têm feito à Itália. É já uma questão

de regressão antropológica. Basta ligar a televisão para ver a mudança nos italianos, que eram elegantes, falavam bem a sua língua, mesmo os camponeses. Hoje, a face das pessoas mudou. Parecem-se vagamente com macacos e assassinam a língua com vulgaridade", diz o autor, apesar de tudo convencido de que, em breve, Berlusconi sairá do poder.